

UNEMAT Editora

Editor: Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisor: UNEMAT Editora

Diagramação: Ricelli Justino dos Reis

Capa: Ricelli Justino dos Reis

Unemat Editora

Online - 2014

Revista História e Diversidade/Expediente:

Coordenadores /Organizadores: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

Renilson Rosa Ribeiro

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 5, nº. 2, (2014), 239 p.

Modo de acesso:<<http://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural.

CDU 94+304.4 (05)

Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar/CRB1 2037

Os conceitos, as informações e as afirmações contidas em cada capítulo são de inteira responsabilidade do(s) autor (es) que assina (m) o texto.

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavanhada -

Cáceres - MT - Brasil - 78200000

Fone/Fax 65 3221-0000 - www.unemat.br -

editora@unemat.br

Revista



Dossiê: Ensino de História e História da Educação: caminhos de pesquisa (Parte 2)

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS QUE ATUARAM NO ENSINO SUPERIOR DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS A PARTIR DA DÉCADA DE 1960

Josiane Alves da Silveira¹
josidasilveira@gmail.com

RESUMO: O artigo apresenta a história da formação de três professoras que atuaram no ensino superior da cidade do Rio Grande, a partir da década de 1960. Estas professoras têm suas histórias entrecruzadas, pois se formaram no curso de Pedagogia da cidade de Pelotas e seguiram a profissão docente no ensino superior do Rio Grande. O registro de tais memórias busca preencher as lacunas sobre a formação de professores que atuaram no ensino superior do Rio Grande. Aborda a importância da História Oral, como apoio teórico-metodológico, e de temas como a memória nas atuais pesquisas em História da Educação. Salienta que as entrevistadas conseguiram espaço no ensino superior quando havia uma carência desses profissionais em Rio Grande. Espera, por tudo, manter viva a trajetória dessas professoras que atuaram como pioneiras do ensino superior do Rio Grande.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente/ Memórias/ Ensino Superior.

ABSTRACT: The article presents the history of the formation of three teachers who worked in higher education in the city of Rio Grande, from the 1960s. These teachers have their intersecting stories, as formed in the course of Pedagogy of Pelotas and followed the teaching profession in higher education of the Rio Grande. The record of such memories seeks to fill the gaps on the training of teachers who worked in higher education the Rio Grande. Addresses the importance of oral history as a theoretical-methodological support, and themes like memory in current research in the History of Education. Stresses that the respondents were able space in higher education when there was a shortage of these professionals in Rio Grande. Wait for everything to keep alive the history of those teachers who acted as pioneers of higher education in the Rio Grande.

KEYWORDS: Teacher Training/ Memory/ Higher Education.

Introdução

Na cidade do Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, os primeiros cursos superiores voltados para a formação docente foram criados na Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande, cuja mantenedora era a Mitra Diocesana de Pelotas. Essa Faculdade foi criada em 1960, juntamente, com os cursos de Pedagogia e Filosofia que foram autorizados a funcionar a partir de 1961.² Isso fez com que, antes de 1960,

1 Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Professora de História na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul.

2 Antes de 1960 a cidade do Rio Grande possuía três instituições de ensino superior. Eram elas: Escola de Engenharia Industrial, Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas e Faculdade de Direito Clóvis Beviláqua.

alguns estudantes, aqueles que possuíam condições financeiras, buscassem a formação docente, em nível superior, fora da cidade. Esse foi o caso de Alair Brandão Almeida³, Solange Grafulha de Carvalho Leitão e Stella Emília Peixe Nader que cursaram Pedagogia na cidade vizinha de Pelotas.

Essas professoras, embora com diferentes naturalidades, têm suas histórias entrecruzadas. Todas estudaram na Escola Normal Santa Joana D'Arc, situada no centro da cidade do Rio Grande, e cursaram Pedagogia na Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas.⁴ Após a graduação, seguiram a profissão docente na Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande e, em 1969, com a cedência da Faculdade de Filosofia para a criação da Universidade do Rio Grande, atual Universidade Federal do Rio Grande (FURG), passaram a atuar nesta instituição até a aposentadoria, na década de 1990.

Tais dados, coletados na pesquisa de Mestrado em Educação, instigaram a elaboração deste artigo. Até porque não há nenhum estudo aprofundado sobre a trajetória dos estudantes que saíam da cidade para cursar ensino superior, voltado para formação docente. Sabe-se apenas que, antes de 1960, Rio Grande “[...] contava com regular número de matrículas no núcleo das Faculdades de Pelotas”⁵. No entanto, para muitos, à distância e as despesas impediam o prosseguimento dos estudos. É o que destaca o relatório a seguir:

Rio Grande, apesar de Cidade operária, tem um grande número de estudantes que busca uma formação superior. Diariamente se deslocam para Pelotas dezenas de estudantes com grandes encômodos e despesas. Mas isto é privilégio de poucos, relativamente, pois muito elevado é o número dos que querem tirar um dos cursos da Faculdade de Filosofia e não podem, por causa da distância e da despeza. Prova disso um recente e ligeiro levantamento que foi feito para se constatar a possibilidade da criação da Faculdade de Filosofia, apresentando-se uns trezentos candidatos para os diversos Cursos da Faculdade de Filosofia (LEITE, 16 set. 1960).⁶

Nessa perspectiva, cabe destacar as memórias das professoras Alair, Solange e Stella que cursaram Pedagogia em Pelotas e, por isso, tiveram a oportunidade de compor o quadro de professores da primeira instituição de ensino superior do Rio Grande, voltada para formação docente. Tais memórias são fundamentais, pois preenchem as lacunas sobre a trajetória dos docentes no ensino superior do Rio Grande. Além

3 Cabe ressaltar que a Professora Alair faleceu em 25 de novembro de 2013, sendo este artigo dedicado à memória desta docente que marcou os diferentes níveis de ensino do Rio Grande com sua competência profissional.

4 A Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas foi criada em 1952 e começou a funcionar em 1953, sendo integrada a Universidade Católica de Pelotas em 1960. Maiores informações em: POERSCH, Léo. **Universidade Católica de Pelotas**: Edição comemorativa do 10º aniversário (1960-1970). Pelotas: Gráfica UCPel, [1970?]. Ver também: POERSCH, Léo. **Universidade Católica de Pelotas**: Edição comemorativa do 15º aniversário (1960-1975). Pelotas: Gráfica UCPel, [1975?].

5 POERSCH, Léo. **Universidade Católica de Pelotas**: 30 anos. Pelotas: EDUCAT, 1991, p. 42.

6 Destaca-se que, em todas as citações, foi mantida a grafia original dos documentos utilizados.

disso, essa fonte de pesquisa ao ser transformada em documento não ficará perdida definitivamente. Assim, busca analisar as entrevistas, ressaltando as memórias e trajetórias, como antídoto do esquecimento.

Também será discutida a importância do apoio teórico-metodológico da História Oral, bem como de temas que a envolvem, como a memória, nas atuais pesquisas em História da Educação. É o que pode ser lido a seguir.

A História Oral e a memória na pesquisa em História da Educação

Tendo por base a História Oral, as entrevistas foram gravadas e depois transcritas, obtendo-se um conjunto de relatos que constituem o objeto de análise. Para tanto, utilizou-se um roteiro geral de entrevista com questões que foram enfatizadas em todas as entrevistas. Com isso, “[...] o que interessa é justamente a possibilidade de comparar as diferentes versões dos entrevistados sobre o passado, tendo como ponto de partida e contraponto permanente aquilo que as fontes já existentes dizem sobre o assunto”⁷. Desse roteiro geral de entrevista destacam-se, primeiramente, os dados de identificação, formação e trabalho docente das entrevistadas. Na sequência do roteiro os dados referem-se à criação da Faculdade de Filosofia em Rio Grande.⁸

É importante destacar que se optou pela realização da entrevista temática sem deixar de privilegiar os dados biográficos das entrevistadas. Isso porque a história de vida também ajuda a obter melhores resultados na entrevista, constituindo condição para iniciar-se a entrevista, com dados pessoais do entrevistado, e sugerindo questões antes não pensadas. Como explica Alberti: “[...] a entrevista temática pode ser considerada - como o é, por alguns autores - uma entrevista de história de vida, já que seu conteúdo está ancorado à história de vida do depoente, ou, mais especificamente, a uma parte de sua vida - o assunto, ou o tema, sobre o qual é entrevistado”⁹.

Acrescenta-se que “o trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim”¹⁰. O pesquisador não poderá sobrepor o seu ponto de vista sobre o do entrevistado, nem tratar o relato do entrevistado como portador da verdade. Deverá, sim, com respeito às opiniões do entrevistado, ser capaz de (des)construir conhecimentos, produzindo novos documentos contextualizados. Sobre os entrevistados, ressalta-se:

Cada pessoa é componente específico de um amálgama maior que é a coletividade. Portanto, cada depoente fornece informações e versões sobre si próprio e sobre o mundo no qual vive ou viveu. A história oral, em decorrência, é a arte do indivíduo, mas de um indivíduo socialmente integrado. Desta forma, os relatos e testemunhos contêm em si um amálgama maior: o da identidade histórica (NEVES, 2000, p. 114).

7 ALBERTI, Verena. **História Oral**: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989, p. 18.

8 A utilização dos relatos transcritos foi autorizada pelas três entrevistadas ao assinarem um termo de cedência das informações.

9 ALBERTI, Verena, op. cit., p. 20.

10 Ibidem, p. 6.

Ainda sobre a escolha dos entrevistados, ressalta-se que as três professoras selecionadas para compor este artigo, com seus relatos, fazem parte de um conjunto maior de “entrevistados em potencial”¹¹ que foram utilizados na dissertação sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande. Porém, neste artigo selecionaram-se as professoras da instituição em pesquisa que cursaram o ensino superior em outra cidade, por ainda não existir em Rio Grande uma Faculdade com cursos voltados a formação docente.

Toda pesquisa baseada na História Oral também sugere uma abordagem sobre a memória, pois a memória dos entrevistados será transformada em fonte de pesquisa. No entanto, torna-se importante destacar que a memória está sempre em processo de reconstrução.¹²

Para o historiador Catroga¹³ a memória não é um mero registro pessoal. Ela é uma construção seletiva, assim como a História, que recebe sempre uma sobredeterminação social. Dessa forma, Catroga cita Ricoeur e Halbwachs para destacar que recordar é um ato de alteridade e que, portanto, a memória é coletiva. Em conformidade com estes autores, Catroga¹⁴ ressalta que “ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo”.

Outro aspecto importante refere-se às relações entre a memória e a representação historiográfica do passado. Segundo Catroga¹⁵, a memória, aberta a dialética entre recordação e esquecimento, está vulnerável a deformações mesmo que inconscientes. Já a historiografia, a partir da análise crítica dos vestígios, busca “ressuscitar” com maior exatidão o passado, estimulada pelas inquietações do presente. No entanto, a historiografia, apesar de suas prevenções, também “se edifica entre silêncios e recalcimentos”¹⁶.

Ambas, memória e historiografia também se aproximam. Constroem representações e ordenam os acontecimentos, oferecendo um novo olhar sobre o passado. Ainda, para combater a amnésia, elas lidam com o ausente, com o morto como diz Certeau, para fazer reviver o que já passou. Por isso, Catroga¹⁷ ressalta que a historiografia é “filha da memória”, assim como a memória é “filha” da historiografia.

Percebe-se que a memória como re-presentificação reflete no presente as representações do passado. Assim, pode-se dizer que a recordação (anamnesis) dá futuro tanto para o presente quanto para o passado. Enfim, a memória preserva as

11 A seleção dos “entrevistados em potencial” fundamentou-se em: ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

12 Conforme Perrot (1998) o problema da memória apresenta-se como um dos limites da História Oral. Isso porque a memória é sempre algo reconstruído em função das experiências do entrevistado. Maiores informações em: PERROT, Michelle. A força da memória e da pesquisa histórica. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, nov. 1998, p. 358-359.

13 CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

14 Ibidem, p. 45.

15 Idem.

16 Ibidem, p. 57.

17 CATROGA, Fernando, op. cit., p. 58.

histórias, individuais e coletivas, salvando-as do esquecimento e da perda. Sendo assim, pode-se dizer que a memória, assim como a História, funciona como antídoto do esquecimento, atualizando as lembranças do passado¹⁸. Por tudo, a utilização da História Oral e de temáticas que a envolvem, como memórias e representações, apresentam-se como desafios a serem explorados.

A formação de professoras que atuaram no ensino superior do Rio Grande/RS

Como já foi dito, as entrevistas com as três professoras seguiram um roteiro que serviu de guia para a obtenção das informações. Os itens objetivam destacar dados, primeiramente de *identificação, formação e trabalho docente* das entrevistadas, já em seguida os itens abordam questões sobre a *Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande*. É o que pode ser lido a seguir.

A primeira entrevistada foi a professora Solange Grafulha de Carvalho Leitão, aos 73 anos de idade¹⁹. Residindo desde os 10 anos em Rio Grande, sendo natural de Porto Alegre, estudou na Escola Normal Santa Joana D'Arc e, como ainda não havia curso superior voltado para formação docente na cidade, foi cursar Pedagogia na Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas. Esclarece a professora: “Eu não poderia me afastar mais do que me afastei, indo até Pelotas. Porque Pelotas eu ia e voltava no mesmo dia”²⁰.

Quando estava no último ano do curso de Pedagogia, em 1961, a professora Solange foi convidada para compor o quadro docente da Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande. Essa instituição proporcionou a estabilidade profissional da professora, pois todos os profissionais vinculados essa Faculdade passaram a atuar, em 1969, mesmo sem concurso, na Universidade do Rio Grande. Diz a professora Solange: “não nos arrependemos, em absoluto, do sacrifício que na época fizemos [refere-se ao baixo salário] porque depois tivemos a melhoria, aí veio à compensação. Ergueu-se a Universidade, organizou-se, as coisas foram melhorando economicamente”²¹. Tanto a Faculdade de Filosofia quanto a Universidade do Rio Grande foram fundamentais na sua carreira profissional.

Ainda, ao relatar sobre a formação tardia na cidade do Rio Grande de cursos voltados para formação docente, a mesma professora destaca que, se não fosse o bispo Dom Antônio Zattera, demoraria ainda mais a criação dessa Faculdade em Rio Grande. Segundo a mesma professora: “Ele foi quem nos beneficiou porque ninguém se mexia. Só ele mesmo, na época”²². Percebe-se que a Mitra Diocesana de Pelotas, tendo como

18 Idem.

19 É importante ressaltar que, neste texto constam as idades das entrevistadas referentes às datas em que foram realizadas as entrevistas, em 2010.

20 LEITÃO, Solange Grafulha de Carvalho. Entrevista concedida a Josiane Alves da Silveira. Rio Grande, 15 out. 2010.

21 LEITÃO, Solange Grafulha de Carvalho. Entrevista concedida a Josiane Alves da Silveira. Rio Grande, 15 out. 2010.

22 Idem.

terceiro bispo Dom Antônio Zattera²³, trouxe benefícios educacionais na região de sua abrangência. Isso porque sem as Faculdades de Filosofia de Pelotas e do Rio Grande, mantidas pela Mitra Diocesana, muitos não teriam tido acesso ao ensino superior, principalmente os que buscavam a formação docente.

A segunda entrevistada foi a professora Stella Emília Peixe Nader, aos 72 anos. Das entrevistadas a professora Stella é a única natural da cidade do Rio Grande. Também estudou na Escola Normal Santa Joana D'Arc e cursou Pedagogia na Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas, no período de 1959 a 1962. Porém, as dificuldades de cursar o ensino superior fora da cidade do Rio Grande não eram poucas. É o que ressalta, a seguir, a professora Stella:

A maioria dos que estudaram fora, geralmente, fazia porque não existiam na cidade os cursos superiores na área da educação. Também porque já atuavam no magistério e queriam, como eu, prosseguir um aprofundamento dos estudos. Agora as dificuldades, no entanto, eram muito grandes porque, além da Universidade ser paga, a maioria precisava trabalhar para poder pagar as despesas da Universidade, do transporte e da alimentação. [...] Era bastante difícil deslocar-se daqui para outra cidade, trabalhando! (NADER, 10 nov. 2010)

Percebe-se, nos relatos da professora Stella e Solange, que cursar o ensino superior fora da cidade não era privilégio de todos. Após a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande as possibilidades aumentaram, embora o fato de ser uma instituição privada também limitasse o ingresso daqueles que não tinham condições de pagá-la. A professora Stella define o significado da criação da Faculdade de Filosofia, dizendo:

Foi de fundamental importância para o crescimento cultural e social da cidade do Rio Grande. Também a iniciativa da Mitra Diocesana [...] vem suprir a carência na área de formação a nível superior daqueles que queriam se aperfeiçoar porque já atuavam no magistério ou que já tinham feito a formação em nível médio no campo da educação. Também não precisavam mais se deslocar até a cidade vizinha para buscar esta formação (NADER, 10 nov. 2010).

Em 1965 a mesma professora foi convidada a trabalhar no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia. A partir de então, conciliou, por alguns anos, sua atuação em escolas primárias e na Faculdade. Sobre esse convite feito pelo então diretor da instituição, Hugo Dantas Silveira, destaca a professora:

23 O trabalho de Dom Antônio Zattera, de 1942 a 1977, foi central no desenvolvimento educacional das áreas de atuação da Mitra Diocesana de Pelotas, ficando conhecido como “Bispo da Educação”. Maiores informações em: HAMMES, Wallney Joelmir. **Dom Antônio Zattera**. 3º Bispo de Pelotas – Uma cronobiografia. Pelotas: EDUCAT, 2005.

Foi uma grande honra ter sido convidada pelo Dr. Hugo para atuar nessa instituição [...] Nós colaboramos, mesmo com a baixa remuneração e algumas dificuldades, para dar os primeiros passos nesses cursos superiores, necessários na formação do profissional da nossa cidade. E foi uma experiência bastante grande para atuação nos cursos da Universidade. Porque nós que trabalhamos na Faculdade tivemos a oportunidade de passar para a Universidade sem o concurso [...] (NADER, 10 nov. 2010).

Nesse relato a professora Stella revela a oportunidade que teve de trabalhar na Faculdade de Filosofia e a importância dessa experiência para depois, a partir de 1969, trabalhar na Universidade do Rio Grande. Isso porque de poucas disciplinas, passou a atuar em vários cursos de licenciatura da Universidade, aumentando sua carga horária e, logo, a remuneração que, na Faculdade de Filosofia, eram mínimas.

Ainda, quando questionada sobre a formação tardia na cidade de cursos superiores voltados para formação docente, a professora Stella mencionou alguns fatores, como: a falta de recursos para oferecer esses cursos, o alto custo da formação e a baixa remuneração dos que eram convidados a atuar, o que não propiciava o contrato de professores que não fossem da cidade. Percebe-se que não eram poucos os empecilhos para formação de cursos superiores em Rio Grande, tanto que verificando as atas da instituição não raro se encontram os problemas para manter a Faculdade. Isso, muitas vezes, levou a doação dos salários de muitos professores à instituição. Conforme informações vinculadas, por exemplo, em Ata:

[...] o Sr. Diretor [Hugo Dantas Silveira] elogiou o espírito de cooperação do Corpo Docente que aceita trabalhar pelo módico salário de Cr\$ 100,00 (Cem Cruzeiros) por aula realmente dada, havendo mesmo professores que fazem reverter seus vencimentos em benefício da Faculdade (ATA N. 4, 10 set. 1961).

Como foi frisado na Ata n. 4, os salários eram baixos e, ainda havia professores que doavam o seu salário para a Faculdade. A mesma informação também é relatada pelas professoras entrevistadas. Para exemplificar, destaca-se, a seguir, o discurso da professora Solange que lecionou durante todo o período de funcionamento da Faculdade de Filosofia. Segundo ela:

[...] poucos queriam dar aula na antiga Filosofia porque não se ganhava quase nada, praticamente. Era mais o ideal, o ideal da cidade ter uma Faculdade de Filosofia. Formar professores em Pedagogia e Filosofia. [...] Começou com estes dois cursos. Então, nós éramos idealistas, queríamos que a cidade se beneficiasse com esse tipo de curso para não ter que ir a Pelotas ou outros lugares mais. Então, não havia no nosso grupo inicial pensamento em ganhar salário alto. Nós sabíamos que não podia haver esse salário alto, não havia condições para isso. Não era bem isso que nós queríamos. Nós queríamos era ajudar, ajudar aqueles que quisessem cursar estes cursos, então cursar aqui, Rio Grande (LEITÃO, 15 out. 2010).

Os relatos das professoras demonstram o quanto à histórica profissão escolhida pelas mulheres está associada ao sacerdócio, por isso aceitavam trabalhar por um “módico salário”. Como destaca Chamon²⁴, da professora esperava-se que fosse uma sacerdotisa que se dedicasse a nobre causa por amor. Tal afirmação confirma-se nos relatos das entrevistadas.

Para finalizar este pequeno esboço sobre a história docente de três professoras, destacam-se partes da última entrevista realizada com a professora Alair, aos 81 anos de idade, natural do Espírito Santo. Assim como as professoras Solange e Stella, estudou na Escola Normal Santa Joana D’Arc e, na falta de um curso superior que desse sequência a sua formação de Normalista, foi cursar Pedagogia na Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas. Sobre o período da graduação, na década de 1950, relembra a professora:

[...] Quando entrei na Filosofia parece que o mundo se abriu para mim. Eu nunca tinha estudado Filosofia e daquele modo como o professor Silvino dava, era exigente, me fez estudar muito. Até hoje eu adoro Filosofia! Essa foi uma grande influência sobre mim. Foi a disciplina que mais contribuiu para que eu buscasse mais tarde coisas pedagógicas relacionadas com a Filosofia. Achei que foi um bom curso (ALMEIDA, 22 dez. 2010).

Percebe-se, nos relatos das entrevistadas, a importância dos cursos superiores criados pela Mitra Diocesana, em Pelotas e Rio Grande. Isso porque as oportunidades de trabalho aumentavam para aqueles que, na ausência de cursos superiores de interesse em Rio Grande, podiam estudar em Pelotas ou em outra cidade. Tanto que ressalta a professora Alair: “Comecei a dar aula antes de totalmente formada... No quarto ano eu já lecionava [...]. Iniciei no ensino superior mais cedo do que por concurso...”²⁵.

Quando residia em Rio Grande, a mesma professora trabalhou na Faculdade de Filosofia e ocupou cargos em vários níveis do ensino superior. Além de compor o corpo docente, a professora Alair também foi diretora da Faculdade, de 1966 a 1969, e após a criação da Universidade do Rio Grande seguiu trabalhando nesta instituição, como as demais entrevistadas. Porém, diferente das colegas de profissão, também fez Mestrado em Educação, no início da década de 1970, na Universidade Federal de Porto Alegre.

Segundo a professora Alair, a criação da Faculdade de Filosofia em Rio Grande deve-se, principalmente, a ligação do rio-grandino Hugo Dantas Silveira com bispo Dom Antônio Zattera. Diz ela: “No fim do ano o Dr. Hugo dizia: ‘eu proponho que os professores deixem o seu salário para a biblioteca, os que forem contra levantem-se’. Ninguém se levantava, então se trabalhou de graça. Mas, valeu! [Os alunos] tinham que estudar!”²⁶. Mesmo que a remuneração não tenha sido condizente com o trabalho

24 CHAMON, Magda. **Trajetória de Feminização do Magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2005, p. 97.

25 ALMEIDA, Alair Brandão. Entrevista concedida a Josiane Alves da Silveira. Rio Grande, 22 dez. 2010.

26 ALMEIDA, Alair Brandão. Entrevista concedida a Josiane Alves da Silveira. Rio Grande, 22 dez. 2010.

que realizavam, sabe-se que o reconhecimento pelo desempenho profissional dos funcionários da Faculdade foi gratificado na Universidade do Rio Grande. Isso porque, como já foi dito, os professores da Faculdade de Filosofia passaram diretamente a atuar na Universidade, onde permaneceram até a aposentadoria.

Ainda é importante destacar que as entrevistadas conseguiram espaço no ensino superior apenas com a graduação, seguindo a profissão docente nesse mesmo nível de ensino até a aposentadoria, pois havia uma carência desses profissionais em Rio Grande, na segunda metade do século XX. Tanto que, muitos profissionais eram escolhidos para atuar como docentes no ensino superior apenas por serem conhecidos e respeitados na sua área de atuação que, por esclarecimento, não era o magistério. A mesma constatação é destacada por Almeida, embora se referindo ao século XIX:

Quando o magistério era uma ocupação ocasional que tomava menos tempo, podendo ser exercida conjuntamente com outras profissões, como médicos, advogados, engenheiros, jornalistas, clérigos, e outras, representava um meio a mais para quem queria obter notoriedade e ampliar os ganhos, sem deixar de exercer sua ocupação principal (ALMEIDA, 1998, p. 67).

Enfim, a partir dos relatos das entrevistadas pode-se constatar que “a identidade dos sujeitos, suas memórias, destinos e projetos, como a memória e a representação da instituição, cruzam-se e fecundam-se mutuamente enquanto construção histórica”²⁷. Sendo assim, percebe-se que a (re)construção histórica da trajetória docente no ensino superior do Rio Grande, na segunda metade do século XX, torna-se possível através dos relatos daquelas que participaram desse período. Como bem destaca Perrot²⁸, “os desenvolvimentos recentes da história chamada de ‘oral’ são de certa maneira uma revanche das mulheres”. Assim sendo, a História Oral permite inserir as professoras na história, de indiferentes elas passam a sujeitos da história, mantendo vivas suas trajetórias como discente e, logo, docente no ensino superior do Rio Grande.

Considerações finais

Por tudo que já foi exposto, resume-se que as professoras Solange, Stella e Alair, na ausência do curso de Pedagogia em Rio Grande, na década de 1950, deslocaram-se até a cidade mais próxima para seguir os estudos voltados para formação docente. Todas tiveram suas trajetórias entrecruzadas, pois estudaram na Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas, seguindo a formação de Normalistas. Com isso, aumentaram a oportunidade de trabalho, atuando tanto na recém criada Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande quanto na Universidade do Rio Grande. Todas construíram uma sólida carreira com estabilidade profissional, embora no início da profissão o salário-aula na Faculdade Católica de Filosofia, muitas vezes doado para cobrir os

27 MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004, p. 66.

28 PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 40.

custos da instituição, não garantisse tal estabilidade.

Na visão das entrevistadas, a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande significou, mais do que a oportunidade de novos cursos superiores na cidade, a possibilidade de estabilidade profissional e, principalmente, o desenvolvimento cultural da cidade. A partir de então, muitos daqueles que não podiam se deslocar até Pelotas puderam, em Rio Grande, cursar a graduação pretendida. Para tanto, a iniciativa da Mitra Diocesana de Pelotas, tendo como Bispo Dom Antônio Zattera, de intelectuais, como o advogado Hugo Dantas Silveira, e as reivindicações dos candidatos aos cursos de Filosofia e Pedagogia foram fundamentais. Além desses, não se pode deixar de mencionar a contribuição das professoras entrevistadas que, mesmo com um ínfimo salário, oportunizaram o funcionamento desses cursos em Rio Grande, compondo o quadro docente.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

_____. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CHAMON, Magda. **Trajetória de Feminização do Magistério: ambigüidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2005.

HAMMES, Wallney Joelmir. **Dom Antônio Zattera. 3º Bispo de Pelotas – Uma cronobiografia**. Pelotas: EDUCAT, 2005.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

NEVES, Lucilia de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**, n. 3, jun. 2000.

PERROT, Michelle. A força da memória e da pesquisa histórica. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, nov. 1998.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

POERSCH, Léo. **Universidade Católica de Pelotas: Edição comemorativa do 10º aniversário (1960-1970)**. Pelotas: Gráfica UCPel, [1970?].

_____. **Universidade Católica de Pelotas:** Edição comemorativa do 15º aniversário (1960-1975). Pelotas: Gráfica UCPel, [1975?].

_____. **Universidade Católica de Pelotas:** 30 anos. Pelotas: EDUCAT, 1991.

Ata e Parecer

ATAS DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE RIO GRANDE, **Ata n. 4**, 10 set. 1961.

LEITE, Franklin Olivé. **Parecer para autorização de funcionamento da Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande**, 16 set. 1960.

Entrevistas

ALMEIDA, Alair Brandão. Entrevista concedida a Josiane Alves da Silveira. Rio Grande, 22 dez. 2010.

LEITÃO, Solange Grafulha de Carvalho. Entrevista concedida a Josiane Alves da Silveira. Rio Grande, 15 out. 2010.

NADER, Stella Emília Peixe. Entrevista concedida a Josiane Alves da Silveira. Rio Grande, 10 nov. 2010.